

A ATRIBUIÇÃO DA SUPERVISÃO DIANTE DA CONSTRUÇÃO E PRÁTICA DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA

Mércia Lustosa Felix Lima¹

Gernaide de Medeiros Souto Campina²

Adriana Souto Mota³

Francinete Soares da Nóbrega⁴

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir sobre o fracasso escolar em sala de aula na vida dos alunos. Ao longo desse trabalho, vimos os diferentes pontos de vista acerca do fracasso escolar, e as visões atreladas a essas perspectivas, buscamos também, apontar uma visão alternativa sobre a questão, apontando possíveis soluções e experiências bem sucedidas, que resultaram na realização de um sonho escolar que só era possível no mundo das ideias. A metodologia adotada nesse trabalho foi consulta e análise de textos, revistas, internet, assim como vários livros consultados. Procurou-se encontrar uma maneira de sintetizá-los em uma obra que tivesse caráter de objetividade e riqueza de dados que possam ajudar na superação do fracasso escolar. Diante das múltiplas perspectivas que podem contemplar esse tema, deixamos como sugestão de análise, o aprofundamento do conceito de fracasso escolar, no ponto de vista das relações sociais.

PALAVRAS – CHAVES: Fracasso Escola. Aluno. Escola. Professor.

ABSTRACT

This article aims to discuss classroom failure in the classroom in the lives of students. Throughout this work, we have seen the different points of view about school failure, and the visions linked to these perspectives, we also sought to point out an alternative view on the issue, pointing out possible solutions and successful experiences that resulted in the realization of a dream school that was only possible in the world of ideas. The methodology adopted in this work was consultation and analysis of texts, magazines, internet, as well as several books consulted. It was tried to find a way to synthesize them in a work that had character of objectivity and wealth of data that can help in overcoming the school failure. Given the multiple perspectives that can contemplate this theme, we leave as a suggestion of analysis, the deepening of the concept of school failure, in the point of view of social relations.

KEYWORDS: School Failure. Student. School. Teacher.

¹ Graduada em Licenciatura em História pelas Faculdades Integradas de Patos – FIP, com Especialização em Tecnologia Educacional (FIP), Mestranda em Ciências da Educação pela (ABSOLUTE), professora da Rede Municipal de Ensino – Patos – PB. Email: mercialustosafelix@gmail.com.

² Graduada em Pedagogia com Habilitação em Magistério das séries iniciais do ensino fundamental e educação infantil, com Especialização em Educação Infantil, professora da Creche Municipal Joana de Araújo Moraes.

³ Graduada em Pedagogia com Especialização em Orientação e Supervisão Educacional, Professora na Escola Municipal de Ensino Fundamental Zefinha Mota, Patos – PB. Email: adrianasoutomotta@gmail.com

⁴ Licenciada em Letras (FIP) com Especialização em Língua Linguística e Literatura (FIP), professora dos anos iniciais do ensino fundamental na Escola Joaquim Cassimiro da Conceição São Bentinho – PB.

1 INTRODUÇÃO

Convivemos há algumas décadas com o fracasso escolar. Nos sistemas e ensino a discussão sobre essa realidade tem sido objeto de várias pesquisas e análises. Necessário se faz uma mudança, pois grandes foram os avanços tecnológicos e ainda, vivemos uma nova realidade econômica. A educação não tem preparado os alunos de acordo ao interesse da produção, da realidade do mercado. Precisamos compreender, enfrentar e superar o fracasso escolar. Certamente, o fracasso não possui um único culpado, por isso torna-se um assunto tão complexo.

Segundo a SEE-MG (2005), a sociedade determina, por meio de suas lideranças, a educação que concretamente é oferecida à seus cidadãos e define o que é o básico e essencial. Toda sociedade tem um projeto educacional e cada vez mais a educação define o lugar de um país no cenário mundial. A ligação entre as necessidades da sociedade e os planos e projetos individuais dos cidadãos é tarefa da escola.

A escola torna-se importante mediadora entre indivíduos e sociedade. A educação brasileira reflete dois Brasis: universidades de ponta e escolas sem luz, carteiras e teto, mostram uma nação em construção. Crianças e jovens de níveis menos favorecidos ainda tem de lutar para exercer o direito constitucional de frequentar uma sala de aula, lugar que não conseguem permanecer por um cotidiano de dificuldades econômicas e sociais.

A evasão e o fracasso escolar condenam uma criança a compor, no futuro, os índices da pobreza e da ignorância. Apesar do esforço do governo em colocar toda criança na escola, o fracasso escolar continua. Então surge a questão: é a falta de estudo que gera exclusão social ou é a pobreza que impede a manutenção das crianças e jovens na escola? A resposta é conveniente com quem tenta respondê-la. Certo mesmo é o fato de as pessoas na linha da pobreza serem as mesmas que estão sendo excluídas do sistema educacional.

Este trabalho tem como objetivo geral discutir sobre o fracasso escolar em sala de aula na vida dos alunos.

Como justificativa, o fracasso nos estudos é uma chaga pela forma como atinge a autoestima dos discentes e pela exclusão social que projeta na vida adulta.

É preciso resgatar o prazer de aprender. Faz-se necessário conscientizar docentes, orientadores e supervisores pedagógicos, diretores, em fim, a todos aqueles que fazem parte do processo avaliativo de uma instituição escolar que é preciso enfrentar e superar o fracasso escolar.

A metodologia adotada nesse trabalho foi consulta e análise de textos, revistas, internet, assim como vários livros consultados. Procurou-se encontrar uma maneira de sintetizá-los em uma obra que tivesse caráter de objetividade e riqueza de dados que possam ajudar na superação do fracasso escolar.

2 POLÍTICAS E EDUCAÇÃO BÁSICA

O processo ensino-aprendizagem mediado pelo contexto sócio-cultural, pelas condições em que, se efetivam a aprendizagem e o desenvolvimento, é também mediado pelos processos organizacionais. A educação segundo a Constituição Federal do Brasil de 1888, constitui um direito social, visão do pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. E, as políticas para se enfrentar o fracasso que permeia a educação, necessariamente devem considerar estas diferentes condições.

Vivenciou-se várias políticas de democratização do ensino, trazendo apenas o aumento de vagas no ensino fundamental. Muitas soluções técnicas foram transformadas em projetos sem nenhuma participação da comunidade, A sociedade assim como muitos educadores, perseguem objetivo de uma escola pública gratuita e de qualidade, capaz de instrumentalizar o cidadão para os desafios da vida social e econômica (ANDRADE FILHO, 2016).

Dentre as conquistas asseguradas na nova constituição, a educação está relacionada. No capítulo II do título II que trata do direito social, a educação é o primeiro dentre outros direitos do cidadão. Segundo a Constituição Federal, a educação constitui um direito social visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício de cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A atual LDB trouxe grandes mudanças na educação, tais como a participação da sociedade civil no início da sua construção, o que resultou em avanços importantes. A partir de então, a sociedade alcançou muitas mudanças, principalmente o que diz respeito a ciência e tecnologia. Procurando reagir à

dicotomia existente entre essa tecnologia avançada e uma educação paralisada, publica-se então, a nova LDB.

A LDB veio adaptar aos novos tempos, abrangendo o ser humano a partir do ambiente familiar até as manifestações culturais, preparando-o para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Não se desconsidera as leis anteriores, pois não há o novo sem o velho, mas a LDB veio abrir horizontes, propor mudanças de postura dos profissionais de educação e rever as estruturas educacionais (ANDRADE FILHO, 2016).

O acesso ao Ensino Fundamental foi democratizado, garantido com a LDB, tendo em vista que, atualmente 97% das crianças com idade entre 7 e 14 anos estão na escola. A escola obrigatória, devendo instruir a todas as crianças defrontou-se com o problema do fracasso escolar, pois não mais podiam simplesmente rejeitar aqueles que não lhes convinham.

O governo implantou o Bolsa Escola, para que as famílias pobres recebam um valor para manter seus filhos na escola. O Bolsa Escola é apenas um dos incentivos necessários para diminuir a evasão, que está cercado de boas intenções e de críticos. Há que se considerar que o Bolsa Escola comprova a incapacidade de gerar empregos para os pais dos alunos. Além de que o trabalho infantil nas grandes cidades muitas vezes rende mais que a quantia oferecida pelo governo. Então, é preciso meios de aumentar a renda familiar, as condições de moradias, para se tirar as crianças da rua. O desemprego degenera a família e tem levado cada vez mais crianças a deixarem a escola e procurarem o mercado de trabalho infantil. Muitas vezes as famílias pegam o dinheiro para comprar comida e depois para cuidar da casa, então o Bolsa Escola torna-se uma chance de sobrevivência desviando sua intenção educacional (ANDRADE FILHO, 2016).

Matricular um aluno na escola não basta se ele não aprende, se não tem acesso ao mundo letrado, aos bens culturais e ao mundo da escrita, significa que não está de fato incluído, é uma inclusão de faz de conta. Segundo Maria José Féres, é importante fazer com que as crianças permaneçam na escola e aprendam. O atual governo criou o programa Toda criança aprendendo em complemento ao programa do governo anterior Toda criança na escola. Segundo Feres (2003):

O nosso desafio é ir além do Toda criança na escola, hoje faltam de três a cinco crianças no ensino fundamental para serem incluídas. E temos as crianças na

escola sem aprender, o que é uma inclusão pela metade. Inclusão significa que a criança está na escola, permanece na escola e aprende na escola. (...) vamos implementar a política Nacional de Valorização e formação do professor, porque entendemos que ele é o ator fundamental para qualquer mudança na qualidade do ensino.

Programas como o Bolsa Escola são importantes, mas, devem ser encarados como ponto de partida para a redução das enormes desigualdades sociais e econômicas do Brasil atual. Além dos programas de apoio e das chamadas políticas compensatórias, como o Bolsa Escola, várias organizações comunitárias, escolas e até movimentos de bairro têm desenvolvido projetos em favor de uma pedagogia que inclua as populações carentes.

Diante de um problema complexo e com variáveis tão múltiplas como o do fracasso escolar, é difícil falar numa solução definitiva, mas sempre é possível identificar caminhos. O trabalho cooperativo torna-se essencial. As pessoas terão de aprender a trabalhar não com base num individualismo, mas associados em torno de um objetivo comum.

3 REALIDADE SOCIAL

Segundo a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000), dois terços da população brasileira sobrevivem de renda familiar mensal de até dois salários mínimos. Outros vinte por cento da população atravessam o mês com menos de meio salário mínimo. Existem quinze milhões de Sem-Terra. Para agravar a situação um por cento dos brasileiros concentra em suas mãos, fortuna equivalente ao rendimento de cinquenta por cento dos mais pobres. Somos campeões mundiais de desigualdade social, má distribuição de renda e assassinatos urbanos, acusa Frei Betto, escritor e jornalista.

As políticas e gestão para a educação básica no país precisam considerar os indicadores sociais.

Hoje no país os 10% mais ricos da população apropriam-se de aproximadamente 50% da renda. Esta desigualdade se expressa na educação formal: o décimo mais rico da população apresenta a média de 10,7 anos de estudo; já os 10% mais pobres não atingem, em média quatro anos de estudo. Segundo

dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) vinculado ao MEC, as crianças e os jovens estão indo cada vez mais à escola e por mais tempo. Aumentou em um ano a escolaridade média do brasileiro, de 5,3 para 6,3 anos estudados, e em todas as faixas etárias há mais pessoas matriculadas em instituições de ensino. O analfabetismo absoluto caiu para 13,3%. Não é para se comemorar, mas melhorou (IBGE, 2000)

Quando se trata do índice de evasão e repetência do Ensino Básico ao Superior, o Brasil tem os piores índices da América Latina. O brasileiro adulto em média não tem 6 anos de estudo. Apenas doze, em cada cem brasileiros entre vinte e vinte e quatro anos.

As crianças são obrigadas a trocarem a sala de aula pelas amplas avenidas das grandes cidades, onde vendem de tudo um pouco ou pedem um trocado para ajudar meu pai que está desempregado ou ainda minha mãe que está doente. Alguns teimam a continuar na escola. Mas, por culpa da pedagogia e da falta de assistência familiar, passam a engrossar a estatística da repetência. Depois, julgando-se muito grandes para cursarem a primeira série do primeiro grau se transferem para a coluna dos evadidos.

Não é mais suportável que o excluído seja apenas temas de conferência, de congresso e teses de mestrado e de doutoramento. As crianças excluídas de hoje, assim como as classes marginais tem sido em geral, fartamente utilizadas para o enriquecimento de editoras. É preciso enfrentar esse problema.

Por ser o fracasso escolar um fenômeno social, ele é relativo e atinge sobre tudo as classes menos favorecidas, na maioria. Para essas crianças o fracasso é normal, ao passo que para as classes privilegiadas ele é excepcional. O que está em questão é a função da escola na sociedade capitalista e as relações sociais que a destinam.

Apesar da permanência na escola, percebeu-se que inúmeras crianças não tiram proveito real do ensino e foi então que surgiram as preocupações e as medidas para que estas crianças não vegetem, anos e anos nos mesmos bancos nem sejam avançados da série seguinte por questão de antiguidade numa mesma série.

Convivemos há algumas décadas com o fracasso escolar. Nos sistemas e ensino a discussão sobre essa realidade tem sido objeto de várias pesquisas e

análises. Necessário se faz uma mudança, pois grandes foram os avanços tecnológicos e ainda, vivemos uma nova realidade econômica. A educação não tem preparado os alunos de acordo ao interesse da produção, da realidade do mercado. Precisamos compreender, enfrentar e superar o fracasso escolar. Certamente, o fracasso não possui um único culpado, por isso tona-se um assunto tão complexo.

Segundo a SEE-MG (2005), a sociedade determina, por meio de suas lideranças, a educação que concretamente é oferecida à seus cidadãos e define o quê é o básico e essencial. Toda sociedade tem um projeto educacional e cada vez mais a educação define o lugar de um país no cenário mundial. A ligação entre as necessidades da sociedade e os planos e projetos individuais dos cidadãos é tarefa da escola.

A escola torna-se importante mediadora entre indivíduos e sociedade. A educação brasileira reflete dois Brasis: universidades de ponta e escolas sem luz, carteiras e teto, mostram uma nação em construção. Crianças e jovens de níveis menos favorecidos ainda tem de lutar para exercer o direito constitucional de frequentar uma sala de aula, lugar que não conseguem permanecer por um cotidiano de dificuldades econômicas e sociais.

A evasão e o fracasso escolar condenam uma criança a compor, no futuro, os índices da pobreza e da ignorância. Apesar do esforço do governo em colocar toda criança na escola, o fracasso escolar continua. Então surge a questão: é a falta de estudo que gera exclusão social ou é a pobreza que impede a manutenção das crianças e jovens na escola? A resposta é conveniente com quem tenta respondê-la. Certo mesmo é o fato de as pessoas na linha da pobreza serem as mesmas que estão sendo excluídas do sistema educacional.

4 ASPECTO PSICOLÓGICO DO FRACASSO ESCOLAR

Para vários alunos, final de ano, significa tormento, pesadelo. Eles são reprovados na escola, rotulados de incapazes e obrigados a refazer a série que acabaram de concluir, estudando novamente os mesmos conteúdos, inclusive os já assimilados. E, o que é pior, esse dilema se repete há décadas em nossas escolas.

É incrível, mas muito pouco tem sido feito (com sucesso) para reverter tal quadro. Parece que, no Brasil o problema é inevitável. Num país onde as verbas

destinadas à educação são insuficientes, o governo se vê obrigado a pagar muito mais por aquilo que a sociedade não vai receber, pois os derrotados são os que formam as fileiras dos evadidos, dos que abandonam a escola precocemente. Diante dessa realidade, pesquisadores em educação passaram a se preocupar com o problema. Até a metade da década de 60, o fracasso escolar era considerado um fato psicológico, um problema individual de cada criança que, infelizmente, não possuía as habilidades necessárias para ser um bom aluno. O problema do fracasso escolar, era exclusivamente do aluno. O problema do fracasso escolar não era questionar a escola, a didática, as condições de ensino. (SEE-MG, 1997, pág. 51)

Segundo Nascimento (2000), além disso, todos os que estão direta ou indiretamente ligados à escola identificam os fracassos escolares como doenças. Só procuram explicações para ele, nas características individuais das crianças, no desvio em relação às crianças normais. Todos procuram por um desvio ou pequeno retardo que expliquem porque a criança se saiu mal em determinado aspecto. E se adaptarmos uma perspectiva orientada para os problemas relacionais, é na primeira infância nas relações da criança com a mãe, que vão buscar as causas do seu fracasso.

Se a criança está doente, é apenas nela que devemos buscar as causas do seu fracasso: a escola e, mais além a sociedade não são responsáveis.

A explicação pedagógica para o fracasso escolar da criança, se preso a isso, não toca o sistema e deixa de lado o próprio fundo do problema.

Além disso, a patogenia do fracasso escolar, a categorização dos sem adaptação escolares, e as explicações pelo desvio e anormalidades são álibes de que se servem a escola, consciente ou não, de garantia e fundamentos para uma política escolar de seleção e de segregação. Estas abordagens dos problemas escolares permite a triagem e a exclusão do âmbito escolar, destinados à elites, dos que não respondem às exigências do sistema.

A atuação do psicólogo diante do aluno se dará de vários modos, mas basicamente a queixa escolar é priorizado nas dificuldades do aluno. As aprendizagens e as dificuldades, muitas vezes são compreendidos como problema do aluno, tirando assim, a responsabilidade dos demais, como o professor, a escola, etc. Portanto, a qualidade da aprendizagem seria satisfatória se não fossem os problemas existentes nos que não aprendem.

Muitas vezes, a escola valoriza a inteligência, se esquece da interferência afetiva na não aprendizagem do sujeito, podendo a aprendizagem estar ligada a situação de desprazer. Esta situação ligada a algum acontecimento escolar, pode provocar conflito que influenciarão o aprender.

Todo educador deve ter o cuidado de não colocar a culpa do fracasso escolar na própria criança. Deve perceber, antes de utilizar rótulos ou solicitar diagnósticos, que a responsabilidade da aprendizagem não é apenas e exclusiva da criança, mas que existem uma série de relações presentes neste processo, no qual o educador tem um papel de suma importância, de acordo com Nascimento (2000).

Só a partir de uma visão maior é que o educador pode realizar uma análise total do ser humano, entender e buscar soluções com o objetivo de aumentar a qualidade do ensino e diminuir os índices de crianças que são consideradas portadoras de um distúrbio de aprendizagem.

Aprender e não-aprender estão, assim determinados por uma variedade de fatores que se interligam e que não podem ser desprezados, para poder entender o porquê de uma criança aprender e outra não.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da metodologia pedagógica presente nas escolas, a articulação entre as atividades escolares e a realidade sociocultural do aluno muitas vezes é negligenciada. O motivo dessa realidade está relacionado ao fato de que a escola em sua concepção de ensino, não apresenta vínculos com a vida.

Ao longo do trabalho, várias perspectivas, concepções e abordagens foram feitas a respeito do fracasso escolar e suas implicações. Vimos que a falta de identificação do aluno para com a escola repercute de várias maneiras em sua aprendizagem, entre elas, a falta de vínculo entre o currículo e a experiência prática, onde o aluno não constrói ou elabora o conhecimento, mas o absorve de forma mecânica.

Na sala de aula, a relação de ensino-aprendizagem, apresenta-se como uma via de mão única, em que o professor é visto como o portador do conhecimento e o aluno como um eterno aprendiz. Segundo Freire (2005), essa relação autoritária deve ser superada dando lugar a uma nova concepção de aprendizagem, onde o

professor não apenas educa, mas aprende e o aluno não só aprende, mas também educa.

Para que a aprendizagem se desenvolva de maneira significativa, vimos a importância fundamental que existe no fato do professor tomar as experiências do aluno, sua bagagem cultural como ponto de partida no processo de ensino-aprendizagem.

Retomando as palavras de Rubem Alves (2001), no processo de ensino-aprendizagem, o aluno aprende aquilo que é vital para sua vida, isto é, o necessário para seu desenvolvimento social, cultural e intelectual, no entanto, tal processo de internalização, só acontece de forma significativa quando a vida escolar e cotidiana do aluno é articulada entre si, de modo que o conhecimento passa a ser algo não apenas transmitido, mas construído através das interações vividas no meio social.

Os programas escolares pelo quais os alunos são submetidos, muitas vezes são conteúdos dissociados da realidade do aluno, diante disso são logo esquecidos, não por negligência, mas por não encontrar sentido naquele aprendizado, o mesmo cai no esquecimento.

O espaço da escola deve ser caracterizado como um ambiente lúdico, onde o saber nasce das experiências, do contado com o conhecimento a partir da vida. No entanto, temos plena consciência que isso é um processo educacional a longo prazo, estruturas precisam ser mexidas e conceitos revistos; contudo, pouco a pouco as coisas se movem, evoluem, se transformam.

Ao longo desse trabalho, vimos os diferentes pontos de vista acerca do fracasso escolar, e as visões atreladas a essas perspectivas, buscamos também, apontar uma visão alternativa sobre a questão, apontando possíveis soluções e experiências bem sucedidas, que resultaram na realização de um sonho escolar que só era possível no mundo das ideias.

Há muito ainda para se trilhar e conquistar, mas o imprescindível e fundamental já começou a ser feito, a consciência de que precisamos de mudança, a visão crítica e responsável frente ao que se é possível ser feito, e acima de tudo, o desejo e a ação de fazer e refazer diferente.

Ao longo da reflexão presente neste trabalho, pudemos compreender que o fracasso escolar não é consequência de uma causa isolada, mas de diversos fatores

que, associados a uma sociedade centralizada e hierarquizada, fazem da escola e seu sistema educacional, mais uma peça de um complexo mecanismo.

O objetivo não é apontar culpados, mas sim analisar a questão de forma crítica, ao refletir que toda sociedade é corresponsável pela aprendizagem e desenvolvimento de suas novas gerações, e que para isso, estruturas educacionais e eficientes precisam ser elaboradas, com o objetivo de trazer para o sistema escolar, e conseqüentemente para o processo de ensino-aprendizagem, inovação e autonomia.

Diante das múltiplas perspectivas que podem contemplar esse tema, deixamos como sugestão de análise, o aprofundamento do conceito de fracasso escolar, no ponto de vista das relações sociais.

Por exemplo, o que a escola, mais precisamente a aprendizagem desenvolvida dentro da sala de aula, precisa adquirir para fazer do fracasso, sucesso escolar? Como conquistar, cativar o aluno, da maneira como o âmbito escolar fora da sala de aula o faz? É sobre esses questionamentos que devemos refletir, ou seja, o que falta ser feito no objetivo de levar para dentro da sala de aula, a criatividade, a disposição e a sagacidade tão presentes no pátio na hora do recreio.

Esperamos com o desenvolver dessa pesquisa, que novas aprendizagens e reflexões sejam concebidas, no intuito de contribuir para a prática docente, a construção de um novo olhar sobre o fracasso escolar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE FILHO, Francisco Antônio de. **Relação entre ideologia e educação:** significação ideológica do processo pedagógico. In: O Recado da Pesquisa, 2016.

_____. Souza, Machado P.R. (1997). **As crianças excluídas da escola:** uma alerta para a Psicologia.

MARTINS, Vicente. **A avaliação como fábrica do fracasso escolar.** Disponível em:< www.psicopedagogiaonline.com.br>. Acesso em 01 de Março de 2006.

BOSSA, Nádia. **Quando o problema não é o aluno.** Folha de São Paulo.

BRASIL, **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 23 dez. 1996. p 27833. col.1.

BRASIL/MEC/INEP. **Sinopse estatística da educação básica 2003** (Brasil, regiões e unidades da federação). Disponível em < http://inep.gov.br/imprensa/entrevista/para_superar_fracasso_escola.> Acesso em 15 de novembro de 2005.

CURY, Augusto Jorge, **Pais brilhantes professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

ESTEBAN, Maria Tereza, **O que sabe quem erra? Reflexões sobre a avaliação e o Fracasso escolar**. Rio de Janeiro: DP&A,2001.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HARGREAVES, Andy. **Aprendendo a mudar: O Ensino para além dos conteúdos e da padronização**. Porto alegre: Arte Med, 2002. In: A.M. Machado e M.P.R. Souza. (orgs.) *Psicologia Escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

MEC – Revista PROFESSOR – **Abandono Zero** - Ano 1, nº2/ Brasília:MEC, novembro de 2003.

MEC – Revista PROFESSOR – **Uma escola para todos** (Oswaldo Russo) - Ano 1, nº1/ Brasília: MEC, outubro de 2003.

MEC – Revista PROFESSOR –**Valor aos docentes** (Maria José Feres)- Ano 1, nº1/ Brasília:MEC, outubro de 2003.

MINAS GERAIS, Secretaria de Estado da Educação, **Reflexões sobre a prática pedagógica**. Elaborado de Elza Vidal de Castro, Maria do Carmo de Matos. Belo Horizonte: SEE-MG, 1997.

MINAS GERAIS, Secretaria de Estado de Educação. **Ação Docente e sala de aula**. Coleção Veredas, Formação Superior de Professores Módulo 7 volume 4/ SEE-MG; Belo Horizonte: SEE-MG, 2005.

NASCIMENTO, Gilberto. **EDUCAÇÃO – O Fracasso de Todos nós** – Ano 27, nº 231, ed. Segmento, Julho de 2000.

UYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.